

A ESCALADA DA EXTREMA DIREITA NO BRASIL: A CONSOLIDAÇÃO BOLSONARISTA EXPLICADA PELOS SOCIOLOGOS CLÁSSICOS

THE RISE OF THE EXTREME RIGHT IN BRAZIL: BOLSONARIST CONSOLIDATION EXPLAINED BY CLASSICAL SOCIOLOGISTS

EL ASCENSO DE LA EXTREMA DERECHA EN BRASIL: LA CONSOLIDACIÓN BOLSONARISTA EXPLICADA POR LOS SOCIOLOGOS CLÁSICOS

Maxmiliano Martins Pinheiro¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo principal compreender a trajetória da extrema direita no Brasil que primeiramente eclodiu na vitória presidencial de Jair Messias Bolsonaro, nas eleições de 2018, e que foi se consolidou devido ao ambiente de intensa polarização política que esmaeceu a democracia, esvanecendo a pluralidade e o pensamento crítico. Para alcançar tal finalidade, essa análise tem como relevo teórico reflexões da sociologia política oriunda dos pensadores Karl Marx, Augusto Comte, Max Weber, Gabriel Tarde e Georg Simmel. Neste sentido, o método empregado tem como desdobramento a compreensão de alguns aspectos da ascensão ultraconservadora brasileira, representada pelo bolsonarismo, que serão elucidados com um determinado tópico da sociologia de cada autor acima mencionado. Com isso, espera-se que os leitores compreendam alguns vetores que impulsionaram essa marcha para extrema direita no Brasil e como ela encontrou sentido na conjuntura contemporânea.

25

Palavras-chave: Extrema direita. Bolsonaro. Violência. Sociologia Clássica.

ABSTRACT: The main objective of this article is to understand the trajectory of the extreme right in Brazil, which first erupted in the presidential victory of Jair Messias Bolsonaro, in the 2018 elections, and which was consolidated due to the environment of intense political polarization that weakened democracy, fading the plurality and critical thinking. To achieve this purpose, this analysis has as theoretical relief reflections of political sociology from the thinkers Karl Marx, Augusto Comte, Max Weber, Gabriel Tarde and Georg Simmel. In this sense, the method employed has as its unfolding the understanding of some aspects of the Brazilian ultra-conservative rise, represented by Bolsonarism, which will be elucidated with a certain sociological topic of each author mentioned above. With this, readers are expected to understand some vectors that boosted this march towards the extreme right in Brazil and how it found meaning in the contemporary situation.

Keywords: Extreme right. Bolsonaro. Violence. Classical Sociology.

¹Mestrado em Sociologia Política na Universidade Candido Mendes/IUPERJ, Especialização e Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa na UERJ, Especialização em Sociologia, Política e Cultura na PUC-Rio, Graduação em Letras na Universidade Gama Filho.

RESUMEN: El objetivo principal de este artículo es comprender la trayectoria de la extrema derecha en Brasil, que estalló por primera vez en la victoria presidencial de Jair Messias Bolsonaro, en las elecciones de 2018, y que se consolidó debido al ambiente de intensa polarización política que debilitó la democracia, desvaneciéndose la pluralidad y el pensamiento crítico. Para lograr este propósito, este análisis tiene como relieve teórico reflexiones de la sociología política de los pensadores Karl Marx, Augusto Comte, Max Weber, Gabriel Tarde y Georg Simmel. En ese sentido, el método empleado tiene como desenvolvimiento la comprensión de algunos aspectos del ascenso ultraconservador brasileño, representado por el bolsonarismo, que serán dilucidados con un determinado tópico sociológico de cada autor mencionado anteriormente. Con esto, se espera que los lectores comprendan algunos vectores que impulsaron esta marcha de la extrema derecha en Brasil y cómo encontró sentido en la coyuntura contemporánea.

Palabras-clave: Extrema derecha. Bolsonaro. Violencia. Sociología Clásica.

INTRODUÇÃO

Todos os efeitos deletérios que o governo do presidente Jair Bolsonaro produziram no Brasil, assim como a agressividade exacerbada que foi demonstrada na sua autoridade, descortinam os conflitos violentos como pertencentes ao cotidiano político da sociedade brasileira, o que rechaça a quimera de que povo brasileiro é “pacífico” ou “cordial” por natureza. Considerando essa constatação, o objetivo desse artigo é analisar esse processo contínuo de polarização radicalizada cujos conflitos resultantes atrofiaram o cenário democrático no Brasil, sufocando a pluralidade e o pensamento crítico inerentes à marcha democrática dos povos civilizados.

Para atingir tal propósito, nossa abordagem tem como relevo as contribuições teóricas que Karl Marx, Augusto Comte, Max Weber, Gabriel Tarde e Georg Simmel, como autores clássicos, trouxeram para a temática do conflito na sociedade. O referencial teórico apreendido desses fundadores da sociologia corresponde à sequência histórica necessária para a organização da nossa análise. Dessa forma, cada seção do trabalho compreende um aspecto da ascensão bolsonarista no poder com um determinado item da sociologia de um dos autores acima. Com essa estrutura didática, a abordagem acerca do desdobramento político no Brasil, da democracia renascida na década de 80 à atual conjuntura autoritária não somente elucida melhor o objetivo, como também desperta o leitor a reconhecer a importância dos autores clássicos da sociologia na compreensão do cenário político contemporâneo.

MÉTODOS

Trata-se de uma análise da trajetória da extrema direita no Brasil que tem como finalidade ressaltar a importância dos sociólogos clássicos na assimilação dos problemas políticos contemporâneos. Para tal tarefa, tornam-se imprescindíveis dois objetivos específicos para nortear o desenvolvimento desse estudo: primeiramente, o texto tem como marco temporal não apenas o governo de Bolsonaro, mas o surgimento das perspectivas reacionárias que, de certo modo, já se exprimiam nas manifestações de 2013, e que conquistaram espaço durante a crise do ciclo democrático brasileiro, até se efetuarem na vitória presidencial do ex-presidente. Cumpre asseverar que essa análise se fundamenta na guinada para a extrema direita que, no contexto brasileiro, ocorreu antes e durante o mandato de Bolsonaro. Em seguida, torna-se necessário estabelecer uma organização didática a essa pesquisa, correlacionando uma particularidade dessa trajetória ultraconservadora no país com um tópico específico da sociologia política de Marx, Comte, Weber, Tarde e Simmel. Ademais, deve-se salvaguardar que os estudos concernentes à marcha bolsonarista e às teorias sociais desses sociólogos clássicos encontram-se também incluídos nessa pesquisa.

KARL MARX: O FORTALECIMENTO DE BOLSONARO COMO MEIO DE ARTICULAÇÃO BURGUESA

As manifestações ocorridas no Brasil em 2013, apesar das contradições verificadas (configuração eventual do protesto e incursão de segmentos da extrema-direita), visibilizaram a eclosão do forte ensejo democrático da sociedade brasileira, que se manteve em silêncio desde o movimento das *Diretas Já*, na década de 80, que há muito tempo não se via representada pelas instituições políticas vigentes. Chico Alencar assinala que os governos petistas, assentados no poder executivo desde 2003, alicerçaram uma espécie de um novo desenvolvimentismo que procurou revigorar o papel do Estado como viabilizador de recursos para investimentos sociais, mas alinhando-se tanto às elites empresariais quanto ao corporativismo sindical, tornou-se um novo Centrão político, adesista e fisiológico, controlado por forças privadas e estatais que confirmavam as eleições bienais (ALENCAR, 2013). Alencar estende sua crítica a todos os partidos brasileiros, inclusive aos de oposição na época, salientando a certeza da impunidade diante dos políticos corruptos e o derretimento partidário que

tornou os partidos e os parlamentos em “instituições totais”, confinadas em si mesmas, com interesses específicos e distantes da participação popular (ALENCAR, 2013).

No entanto, como assevera Ronaldo de Almeida, o que resultou a partir das manifestações de 2013, foi uma crise institucional que serviu como gatilho para atores sociais, que intensificaram uma concentração de forças políticas regressistas, denominada “onda conservadora” (ALMEIDA, 2019). E tiveram êxito já que conseguiram erodir a coalizão partidária implantada pelo PT e impulsionar o impedimento de Dilma Rousseff em 2016, fortalecendo Bolsonaro. Como explicar essa mudança de postura se a democracia brasileira parecia assumir uma nova engrenagem? A teoria social de Karl Marx nos proporciona uma sábia explicação. Segundo Randall Collins, a sociologia marxista ressalta que o domínio da burguesia na sociedade controla não apenas os modos de produção econômica, mas também os meios de produção mental (COLLINS, 2009). Sendo assim, as ideias burguesas têm um duplo propósito: ao mesmo tempo em que definem seus interesses econômicos, expressam o seu modo idealizado de interpretar o mundo como um véu que representa o bem comum de todos, mas esses valores só designam a sua representação particular do meio social:

As ideologias das classes mais elevadas sempre refletem seus interesses próprios, mas de uma forma idealizada. Isso porque ela tem a capacidade de controlar os meios materiais que produzem as ideias. Esses são os meios de produção mental: os livros, as revistas, jornais ou púlpitos das igrejas que enunciam os pontos de vista daqueles que podem pagar as suas contas. Os intelectuais também são especialistas de ideias, que precisam encaixar-se na estrutura econômica de sua época para que possam sobreviver. (COLLINS, 2009, p. 65)

Considerando que as manifestações de 2013 foram, num primeiro momento, criminalizadas pelos meios de comunicação, mas, em seguida, celebradas pelos mesmos, constata-se a atualidade da sociologia do conflito de Marx no que tange a essa articulação ideológica dos atores reacionários que encontram mais facilmente uma reverberação social. Recorrendo à própria fonte marxista, verifica-se que os grupos privilegiados engendram estratégias políticas a fim de alicerçar sua dominação social:

As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios para a produção material dispõe assim, ao mesmo tempo, dos meios para produção espiritual, pelo que lhe estão assim, ao mesmo tempo, submetidas em média as ideias daqueles a quem falta os meios para a produção espiritual. As ideias dominantes não são mais do que a expressão

ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como ideias; portanto, das relações que precisamente tornam dominante uma classe, portanto as ideias do seu domínio. (MARX &

A teoria marxista do conflito demonstra que, em diferentes contextos históricos, os segmentos dominantes do corpo social não apenas naturalizam suas cosmovisões, como impulsionam os demais, por meio de uma sinergia entre os acontecimentos, a lutarem por uma causa que não é deles. Daí a contemporaneidade da sociologia de Marx para compreender a ascensão política de Bolsonaro.

AUGUSTO COMTE: O REACIONARISMO BOLSONARISTA COMO IMPOSIÇÃO DE UMA ORDEM RETRÓGRADA

Após a queda do governo Dilma, o conservadorismo brasileiro se recrudescer, assumindo um comportamento violento e exacerbado que há décadas não se percebia. O reacionarismo bolsonarista soube muito bem engendrar essa atmosfera ultraconservadora de ódio. Para Ângela Alonso, a candidatura de Bolsonaro assimilou os anseios dos estratos sociais afligidos com a mudança de costumes, pleiteando os valores religiosos, a hierarquia de gênero, a hegemonia do casamento heterossexual e a educação enraizada na autoridade. Tal retórica não é conservadora, mas reacionária porque postula o retorno a um passado conhecido com costumes e hierarquias antimodernos (ALONSO, 2019). Em acréscimo, deve-se inserir a militância do crescente setor evangélico e dos tradicionalistas católicos em imputar, no tempo presente, parâmetros morais e legais nos comportamentos para frear as pautas progressistas, comprometendo a laicidade (ALMEIDA, 2019).

Como explicar esse retrocesso na sociedade brasileira onde muitos de seus atores se esforçam para restabelecer uma ordem reacionária, arraigada em valores religiosos, que reprime o livre curso das ideias e dos costumes sociais? Evocando o fantasma de Augusto Comte. Por meio dos conceitos de *ordem* e de *progresso*, que representavam as clivagens sociais de sua época, Comte erigiu uma sociologia do conflito entre narrativas que se mostra bastante atual se considerarmos o progressivo reacionarismo no Brasil contemporâneo. Jean Lacroix salienta que o positivismo assevera a dupla necessidade de ordem e progresso nas sociedades. Por isso, a tarefa da sociologia comtiana é de consolidá-las como complementares, visto que nenhuma dessas escolas opostas pode satisfazer a uma e a outra (LACROIX, 2003). Diante de uma grande crise intelectual e social, é possível que determinados grupos tenham

nostalgia da política teológica e reacionária que, como assegurava a ordem, seria útil restabelecê-la. Mas essa tentativa é vã, pois Comte sustentava que, mesmo com um golpe de força, uma concepção teológica regressasse ao poder, ele não subsistiria porque, supondo que seja possível reconstruir uma ordem social passada, não se pode conceber como as mesmas forças históricas que a destituíram, não a destruam novamente. Logo, nenhuma ordem legítima pode se estabelecer ou perdurar se não for compatível com o progresso social (LACROIX, 2003).

Sendo assim, cumpre observar o cerne da sociologia do conflito de Comte que se desdobra mediante uma análise a respeito de uma dissociação polarizada entre a escola retrógrada, que pleiteia a *ordem*, e a revolucionária, que reivindica o *progresso*, destacando a crítica que ele tece às tendências retrógradas do século XIX:

A escola retrógrada também defende de forma habitual, como forma mais característica, a perfeita coerência de suas ideias diante das frequentes contradições da escola revolucionária. No entanto, mesmo que a política teológica seja hoje, com efeito, por razões facilmente discerníveis, menos inconsequentes do que a política metafísica, é muito fácil ver dia após dia sua tendência cada vez mais irresistível a concessões mais fundamentais e mais diretamente contrárias a todos os seus princípios essenciais. (...) De fato, não há dúvida de que o desenvolvimento contínuo e a disseminação crescente das ciências, indústria e até mesmo das artes plásticas, têm sido historicamente a principal causa originária, ainda que latente, da decadência definitiva do sistema teológico e militares, cujas perdas espontâneas teriam parecido susceptíveis de reparo viável. Hoje, o que nos preserva para sempre de qualquer tipo de ressurreição real do espírito teológico é sobretudo a gradual ascensão do espírito científico, apesar de algumas aberrações retrógradas que o curso dos acontecimentos pode gerar momentaneamente na sociedade. (COMTE, 2012, p. 158)

Tendo em vista que o reacionarismo bolsonarista se funda na sublimação da ordem autoritária em descompasso com o progresso baseado na pluralidade das ideias, na prevalência do discurso religioso em detrimento da ciência e da laicidade, esta última que no Brasil teve justamente o positivismo como uma de suas pedras angulares, pode-se inferir a atualidade da sociologia de Comte no que concerne à eclosão reacionária que assola a sociedade brasileira nos últimos tempos. O fantasma de Comte não somente atenta à complexidade política inserida na nossa bandeira nacional que muitos ainda não entenderam, mas também que estamos hoje sob o império de “aberrações retrógradas” personificadas na ascensão bolsonarista que desfiguram a linearidade do pensamento.

MAX WEBER: A POPULARIDADE DE BOLSONARO COMO MANIFESTAÇÃO DO PODER CARISMÁTICO

Muito se discute sobre a capacidade carismática de Jair Bolsonaro, antes e depois das eleições de 2018, em primar pela atenção das massas eleitorais, independente da classe social. Ângela de Castro Gomes, por exemplo, ressalta a tradição política de lideranças personalistas no Brasil que ilustram tanto a resistência de nossa sociedade ao caráter impessoal das relações políticas e sociais, como o a aversão aos partidos e a vontade de concentração de poderes no Executivo. Oriundo de uma direita radical, Bolsonaro assimilou os caracteres do personalismo político brasileiro, mas se mostrou uma liderança popular conservadora muito distinta, uma vez que teatralizou, de forma direta, um conjunto de valores e crenças vinculados à família, à religião, e o combate ao comunismo que, até certo momento, não eram considerados como qualidades para a conjuntura política (GOMES, 2019). Ângela Alonso reitera essa asserção, assinalando que Bolsonaro se apresenta como um homem comum brasileiro, pai de família, trabalhador, sem refinamentos e com uma rotina de labor e lazer como milhões de brasileiros, ou seja, uma pessoa igual a todo mundo (ALONSO, 2019).

Desse modo, pode ser constatado o poder carismático de Bolsonaro que se erige na capacidade de ressignificar valores antes considerados superados pela retórica política e de se apresentar como um *éthos* do cidadão médio brasileiro, conquistando assim plena empatia do público. Nada melhor então que a sociologia de Max Weber que concebendo o conflito como expressão da pluralidade de diferentes grupos e interesses que permutam nas sociedades, elabora diferentes categorias de tipos sociais para interpretar o mundo.

Segundo Collins, Weber percebia a história como um processo de conflitos multidimensionais em diversos ramos. Sendo contrário às noções simplistas dos estágios evolutivos nos estudos históricos, ele confere à sociologia a tarefa de introduzir os elementos com os quais a história é desenvolvida. Portanto, Weber cria a categoria de *tipos sociais*, que são modelos abstratos de burocracia, de classe, entre outros, que capturam diversos aspectos da realidade histórica (COLLINS, 2009). Entre esses tipos sociais weberianos, merece destaque nessa abordagem precisamente o *carismático*, já que estamos sublinhando o carisma político de Bolsonaro.

Weber afirma que a dominação carismática ocorre em virtude da devoção afetiva a uma liderança que expressa o extraordinário, o inaudito e o arrebatamento emotivo por meio de um carisma que dispensa competências profissionais, posições sociais ou vínculos pessoais com mecanismos de poder:

O quadro administrativo é escolhido segundo o carisma e vocação pessoais, e não devido à sua qualificação profissional (como o funcionário), à sua posição (como no quadro administrativo estamental) ou à sua dependência pessoal, de caráter doméstico ou outro (como é o caso do quadro administrativo patriarcal). Falta aqui o conceito racional de “competência”, assim como o estamental de “privilégio”. São exclusivamente determinantes da extensão da legitimidade do seqüaz designado ou do apóstolo a missão do senhor e sua qualificação carismática pessoal. A administração – na medida em que assim se possa dizer – carece de qualquer orientação dada por regras, sejam elas estatuídas ou tradicionais. São características dela, sobretudo, a revelação ou a criação momentâneas, a ação e o exemplo, as decisões particulares, ou seja, em qualquer caso, – medido com a escala das ordenações instituídas – o *irracional*. (WEBER, 2008: 135)

Essa exposição a respeito da legitimidade do tipo carismático se aplica perfeitamente a Bolsonaro. Com efeito, tendo em conta a sua trajetória política, sobretudo sua vitória eleitoral em 2018, constatamos que ele não possuía a mínima qualificação para assumir a presidência da república devido ao seu completo desconhecimento das questões econômicas, administrativas e jurídicas, o que o levou a fugir dos debates antes mesmo do trágico incidente da facada. Além disso, não soube apresentar um programa de governo e comportava-se, como sempre o fez desde o início da sua carreira, de forma flagrantemente *irracional*, incitando ódio aos candidatos concorrentes e estimulando seus eleitores a fazerem o mesmo. Destarte, a teoria social de Weber nos mostra que um político como Bolsonaro, por ser carismático, consegue tornar a sua irracionalidade uma militância doentia que desmantela protocolos, suscitando conflitos violentos.

GABRIEL TARDE: A INFLUÊNCIA DA OPINIÃO CONSUMIDA NO VOTO EM BOLSONARO

Ultimamente muitas análises têm se debruçado no poder das redes sociais digitais em influenciar cenários eleitorais, uma vez que elas se tornaram amplamente disponíveis para os brasileiros, propiciando o exercício da massa digital para atores sociais ainda não advertidos de suas peculiaridades. Sabe-se que a vitória de Bolsonaro foi devida, entre outros fatores, ao fato de segmentos ultraconservadores terem

gerenciado melhor aplicativos como WhatsApp e Facebook, que aqueles confinados nos palanques. Christian Ingo Lenz Dunker assinala que as massas digitais, por meio de um funcionamento discursivo, tornaram-se grupos familiares influentes que oscilaram e fragilizaram as dimensões pública e privada. Tal regressão ao estado de massa digital é a incapacidade de se fazer escutar por argumentos ou fatos, ignorando a relevância das fontes (DUNKER, 2019). O autor também nos adverte que os indivíduos muitas vezes perdem o uso autônomo da razão quando, hipnotizados, se deixam vencer pelo funcionamento da massa que opera como uma espécie de amnésia e de falsa coragem, levando a suspensão da razão na mediação de conflitos, a escuta do outro e a impulsividade das ações (DUNKER, 2019).

Tal psicologia social engendrada pelas massas digitais incide diretamente no comportamento dos eleitores e, obviamente no voto desses sujeitos sociais. Quão propício é, neste tópico, inserir a sociologia do conflito de Gabriel Tarde em seus conceitos psicossociológicos de opinião e público para compreender essa relação entre o eleitorado bolsonarista e as mídias digitais no processo eleitoral! Para Dominique Reynié, Tarde desenvolve a noção de opinião consumida para designar um movimento social de imitação que se reproduz sob modos imperceptíveis, como um tipo de “sonambulismo” ou “hipnotismo”, em que o estado social é como um estado hipnótico que opera em forma de um sonho imposto e em plena atividade (REYNIÉ, 2005). Por conseguinte, a nossa ideia de autonomia advém de uma mútua sugestão entre os atores sociais, pois cada um de nós age sobre todos, já que cada pessoa sugere o seu redor. Reynié acrescenta que a teoria social de Tarde indica que há uma ilusão comum e característica entre os seres humanos que faz com que eles assimilem as opiniões adotadas como resultado de um acordo conveniente estabelecido por entre um sujeito inovador e os demais que o seguem (REYNIÉ, 2005).

No âmbito político, Tarde teoriza sobre a intrínseca relação entre o voto e a opinião política. O voto, em sua sociologia assume dupla acepção: por um lado ele permite à sociedade tomar consciência das mudanças que ocorrem; por outro, se tais mudanças ocorrerem é porque elas já estão inscritas no meio social, o que faz com que as pessoas votem não para decidir sobre o futuro de sua sociedade, mas para concretizar o que já foi delimitado pelo coletivo (REYNIÉ, 2005). A opinião política, por sua vez, não tem substância própria, pois sendo um julgamento comum de gosto vinculado à

política, manifesta um grau de irracionalidade e de mimetismo irrefletido (REYNIÉ, 2005). Cumpre no momento recorrer à teoria social de Tarde para assimilar o poder dos publicistas em engendrar opiniões, no livre curso democrático, contra certos setores políticos, principalmente nas situações mais críticas:

Se é verdade, como os aduladores das multidões têm o hábito de repetir, que o papel histórico das individualidades está destinado a diminuir cada vez mais e na medida da evolução democrática das sociedades, deveríamos ficar singularmente surpresos ao ver crescer dia a dia a importância dos publicistas. Não é negável, porém, que eles fazem a opinião nas circunstâncias críticas; e, quando dois ou três desses grandes chefes de clãs políticos ou literários resolvem aliar-se em prol de uma mesma causa, por pior que seja, ela está garantida a triunfar. (TARDE, 2005, p. 22)

Remetendo à análise sobre o papel das mídias digitais ao longo da candidatura de Bolsonaro, podemos verificar sua forte simetria com a sociologia de Tarde, posto que está no início do século XX, já ressaltava o poder da imprensa em lapidar opiniões nas circunstâncias mais controversas em torno de um determinado fim que será efetuado. De fato, tanto o artigo de Dunker como a teoria de Tarde ilustram exemplos de abordagens psicossociológicas que ratificam a tese do declínio da autonomia racional do sujeito quando este, diante de situações eufóricas (como o processo eleitoral), deixa-se hipnotizar por uma opinião consumida e fabricada por mecanismos de comunicação. A eleição bolsonarista configurou a corroboração desse argumento, pois as redes sociais que disseminavam qualquer tipo de informação, inclusive *fake news*, atuaram como um *modus operandi* que confirmavam posições pré-estabelecidas e alijaram o debate e a própria racionalidade na mediação dos conflitos.

GEORG SIMMEL: A REPRODUÇÃO DA INTOLETRÂNCIA COMO *MUDUS VIVENDI* DO BOLSONARISMO

Assumindo a presidência da República, Bolsonaro manifesta seu modo violento e intolerante em gerir a política, sobretudo a governamental. Por conseguinte, muitas análises no campo da sociologia política estão contemplando não apenas a figura despótica do atual presidente, mas as ações violentas, ultrajantes e irracionais decorrentes de segmentos extremistas que o apoiam a qualquer custo. Claudio Gonçalves Couto, por exemplo, assevera que tanto as declarações absurdas de Bolsonaro como as atrocidades cometidas por bolsonaristas atestam o *modus operandi* do seu governo que, longe de criar cortinas de fumaça para desviar o foco da população, representam um ganho para esses grupos sedentos por um discurso extremista e

ultrajante (COUTO, 2020). O autor também acresce que mobilizar constantemente a súcia que idolatra Bolsonaro é uma das características principais desse “governo-movimento”, pois ele se sustenta com a ascensão do politicamente incorreto e com a glamorização da boçalidade que se efetuam na atuação de indivíduos que se orientam pelo irracional e pelo passional e se sentam mais fortalecidos (COUTO, 2020). Assim sendo, a irracionalidade é o instrumento capital da ação desse governo-movimento porque conta com a fé e a paixão de atores sociais que seguem firme no transe, colocando no subterrâneo as questões pragmáticas vinculadas às políticas públicas.

Há lugar na sociologia clássica para compreender essas atrocidades fomentadas por grupos extremistas, debruçados numa fé irracional, que ilustram um dos *modus vivendi* do bolsonarismo? Na teoria de Georg Simmel encontramos reflexões bastante instrutivas. Segundo Frédéric Vandenberghe, Simmel desenvolve uma perspectiva original do conflito que se funda numa dualidade que concebe o conflito inicialmente como sinal de uma oposição ou hostilidade, mas também como algo que une seres humanos em torno de uma luta. Não há dissenso sem consenso nem oposição sem adesão (VANDENBERGHE, 2005). Em relação ao conflito dos grupos, as lutas intergrupais, conforme a sociologia de Simmel, reforçam a coesão interna do grupo, visto que as ameaças externas fazem com que o grupo, além de robustecerem suas identidades, mobilizem suas energias para silenciar dissensões, saindo à procura de inimigos a fim de assegurar sua unidade e sua existência (VANDENBERGHE, 2005). Embora o artigo de Couto não aborde a organização interna dos grupos bolsonaristas, pode-se notar uma confluência entre sua análise e a teoria de Simmel no que tange à questão da intolerância e do radicalismo ultrajante como veículos de afirmação e de movimento.

Focalizando a natureza do conflito, Simmel critica a sociologia da sua época que relevava só a unidade do indivíduo e a unidade formada pelos indivíduos, isto é, a sociedade, negligenciando o conflito. Com efeito, a questão do conflito não apenas representa a necessidade de uma proporção de desarmonia para que uma sociedade alcance sua configuração, mas uma propriedade fundamental para constituição pessoal do indivíduo:

Uma classificação mais abrangente da ciência das relações humanas deveria distinguir, parece, aquelas relações que constituem uma unidade, isto é, as relações sociais no sentido estrito, daquelas que contrariam a unidade.

Deve-se compreender, todavia, que ambas as relações costumam ser encontradas em todas as situações reais. O indivíduo não alcança a unidade de sua personalidade exclusivamente através de uma harmonização exaustiva-segundo normas lógicas, objetivas, religiosas ou éticas — dos conteúdos de sua personalidade. A contradição e o conflito, ao contrário, não só precedem esta unidade como operam em cada momento de sua existência. (SIMMEL, 1983, p. 123 – 124)

De acordo com Simmel, os fatores negativos como ódio e repulsa, desde que não sejam totalmente sublimados, designam categorias de interação necessárias para o desdobramento do corpo social e da própria personalidade. Por essa razão, a sociologia de Simmel fornece chaves para compreender tanto o bolsonarismo como fenômeno social quanto a psicologia pessoal dos bolsonaristas. Em relação a estes, podemos inferir que suas atitudes agressivas expressas através de uma desobediência civil (invasão a hospitais, xingamento a autoridades públicas, vandalismo, entre outras) ilustram não só uma idolatria ao presidente, como uma desmedida afirmação pessoal.

Quanto ao aspecto social, o *modus vivendi* do bolsonarismo pode ser concebido por meio da associação grupal. Retomando o tópico da coesão dos grupos, Simmel salienta que o antagonismo com forças externas impele a qualquer grupo intensificar de forma radical sua militância, como meio de sobrevivência e como prerrogativa de dissolver antagonismos existentes:

Uma condição de conflito, todavia, aproxima os membros tão estreitamente e os sujeita a um impulso tão uniforme que eles precisam concordar ou se repelir completamente. Esta é a razão pela qual a guerra com o exterior é, algumas vezes, a última chance para um Estado dominado por antagonismos internos superar estes antagonismos, ou então dissolver-se definitivamente. (SIMMEL, 1983, p. 154)

Podemos inferir que, por mais irracional que figure o governo-movimento de Bolsonaro na sua feição externa, existe uma lógica operante no interior do seu mecanismo. Como mostra Simmel, os conflitos advindos de grupos extremistas desvelam posturas que, embora sendo muitas vezes ininteligíveis, refletem a violenta impulsividade da natureza humana em assentar não só uma unidade grupal, mas as suas próprias crenças diante da constelação dos antagonismos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o desenvolvimento exposto, podemos concluir que a sociologia clássica, encabeçada por Karl Marx, Augusto Comte, Max Weber, Gabriel Tarde e Georg Simmel, oferece muita análise ao fenômeno da saturação da democracia

brasileira representada pelo bolsonarismo. Com Marx, assimilamos como as elites brasileiras, possuidoras de um capital político que influi nos meios de comunicação, lograram em articular os anseios democráticos da população, manifestados a partir de 2013, orquestrando uma guinada ultraconservadora que culminou na vitória presidencial de Bolsonaro, uma vez que a sociedade brasileira, devido à ausência de participação política, ainda carecia de um senso crítico apurado. De Comte, apreendemos que a crise de laicidade vivida atualmente na sociedade brasileira decorre da sublimação de uma mentalidade reacionária, avessa ao progresso científico e à liberdade de expressão e de costumes, que viu na ascensão bolsonarista, uma ocasião para impor com um golpe forçado, uma política que contempla certa teocracia. Weber nos ensinou como sua concepção do tipo legítimo carismático é ainda bastante atual considerando a astúcia de Bolsonaro em cativar a confiança da população, apresentando-se como um homem comum a todos, ofuscando assim a sua inexperiência administrativa e jurídica. Com Tarde, observamos que as massas digitais, por meio de aplicativos e redes sociais, consubstanciaram uma hipnose coletiva que, ratificando os preconceitos estabelecidos, expulsaram os debates públicos e entorpeceram o pensamento crítico com o mimetismo das *fake news* e das informações equivocadas. Por fim, Simmel nos mostrou que as atrocidades insufladas por grupos bolsonaristas, por mais irracionais que pareçam, designam tanto uma autoafirmação pessoal e sectária, como um modo violento de militar uma fé cega que oblitera as adversidades, desvelando um dos *modus operandi* que preserva o governo Bolsonaro. Essas considerações indicam a trajetória da democracia ao reacionarismo efetuada pela extrema direita no Brasil que ao longo dessa pesquisa pôde ser assimilada através da leitura dos autores clássicos da sociologia. A retomada dessas autorias propicia não apenas um entendimento da eclosão de um governo autoritário na sociedade brasileira, mas também a busca por futuras análises a respeito de como um mandato que prime a democracia vai enfrentar os efeitos deletérios remanescentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Chico. **A rua, a nação e o sonho: uma reflexão para as novas gerações**. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2013.

ALMEIDA, Ronaldo de. “Deus acima de todos”. In: **Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 35-51

ALONSO, Ângela. “A comunidade moral bolsonarista”. In: **Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 52-70

COLLINS, Randall. “A tradição do conflito”. In: **Quatro tradições sociológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 49-106

COMTE, Auguste. **Física social**. Madrid: Ediciones Akal, 2012.

COUTO, Cláudio Gonçalves. “O Governo-Movimento”. Disponível em: politica.estadao.com.br

DUNKER, Christian Iago Lenz. “Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático”. In: **Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 116-135

GOMES, Angela de Castro. “A política brasileira em tempos de cólera”. In:

Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo. Companhia das Letras, 2019, p. 175-194

LACROIX, Jean. **A Sociologia de Augusto Comte**. Curitiba: Vila do Príncipe, 2003.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

REYNIÉ, Dominique. “Introdução: Gabriel Tarde, teórico da opinião”. In: TARDE, Gabriel. **A Opinião e as Massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. VII-XXXIV

SIMMEL, Georg. “Individualidade, interação, tipo social”. In: MORAES FILHO, Evaristo (org). **Georg Simmel**. São Paulo: Ática, 1983, p. 90-188

TARDE, Gabriel. “O público e a multidão”. In: TARDE, Gabriel. **A Opinião e as Massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 5-58

VANDENBERGHE, Frédéric. **As sociologias de Georg Simmel**. Bauru, SP: Edusc; Belém: EDUFPA, 2005.

WEBER, Max. “Os três tipos puros de dominação legítima”. In: COHN, Gabriel (org). **Weber**. São Paulo: Ática, 2008, p. 128-141